

ESTRUTURALISMO NOS ESTUDOS ORGANIZACIONAIS: visão epistemológica na Teoria das Organizações

Bruna Gomes de Almeida
Leandro Lettnin
Nepomuceno Jeronimo Alves Neto
Sebastião A. R. Cerqueira-Adão

Resumo

Este artigo é produto de uma reflexão acerca da epistemologia na Teoria das Organizações, sob o ponto de vista do estruturalismo. Propõe-se auxiliar na compreensão da episteme, apontando sua potencial contribuição para o avanço da epistemologia da administração e da teoria das organizações. Para tanto, num primeiro momento, aborda o surgimento de uma epistemologia específica da administração e a necessidade de um novo olhar sobre ela. Em seguida, trata sinteticamente da epistemologia e do paradigma do estruturalismo, para então passar a discutir a relação e as contribuições potenciais desses conhecimentos para o avanço da reflexão epistemológica na administração e do aperfeiçoamento das teorias organizacionais. Por fim, destaca algumas questões que surgem a partir dessa reflexão, em se tratando de como essa lente epistemológica pode auxiliar o entendimento da Teoria das organizações?

Palavras-Chave: epistemologia; teoria das organizações; estruturalismo.

Abstract

This article is the product of a reflection on epistemology in Organization Theory, from the point of view of structuralism. It is proposed to help in the understanding of the episteme, pointing out its potential contribution to the advancement of the epistemology of administration and the theory of organizations. To do so, at first, it addresses the emergence of a specific epistemology of administration and the need for a new look at it. Then, it deals briefly with epistemology and the paradigm of structuralism, and then goes on to discuss the relationship and potential contributions of this knowledge to the advancement of epistemological reflection in administration and the improvement of organizational theories. Finally, it highlights some questions that arise from this reflection, in terms of how this epistemological lens can help the understanding of Organizational Theory?

Key words: epistemology; organization theory; structuralism

1. Introdução

As teorias que fundamentaram o estudo da administração desde a TGA (Teoria geral da administração) até o início do pensamento organizacional criado com a teoria das organizações, foram pilares que sustentaram corporações e estudos relacionados a melhoria da gestão de empresas (industrias enquanto TGA) e organizações. Ao pensarmos na episteme como um conjunto das relações que podem unir, em uma dada época, as práticas discursivas que dão lugar a figuras epistemológicas, as ciências, eventualmente a sistemas formalizados (FOUCAULT, 2002, p. 217) podemos identificar que as organizações, a partir das teorias que já vinham sendo estudadas a partir de Taylor, foram evoluindo e buscando, de forma positivista ou empirista, a eficiência. A partir do pensamento Taylorista, passando pelos estudos de Fayol, Ford, a análise da organização a partir da sociologia de Weber, tendem sua objetividade para a criação de uma forma de administrar voltada para a própria organização. Incluindo o fundamento da teoria humanista com os experimentos de Mayo em Hawthorne focam seus estudos na melhor forma de aumentar os ganhos da organização.

Ao lapidar as pesquisas em administração e enxergar de forma ampla as organizações, as teorias foram sendo aperfeiçoadas. Como nos diz Kuhn (2013, p.67) já vimos que uma comunidade científica, ao adquirir um paradigma, adquire igualmente um critério para a escolha de problemas que, enquanto o paradigma for aceito podem ser considerados como dotados de uma solução possível, ou seja, a partir dos paradigmas que os estudos em administração fomentam sobre as teorias, a ciência confirma sua episteme na Teoria das Organizações e o entendimento sob ponto de vista do estruturalismo pode contribuir para o enriquecimento deste estudo.

Partindo do questionamento: As teorias organizacionais são aprofundadas através do estudo das contribuições e dos legados deixados por seus autores, tomando como base a teoria da administração, através das Escolas Científica de Taylor, Clássica de Fayol, Burocrática de Weber, Relações Humanas de Elton Mayo, Comportamental de Maslow, perpassando pela linha de montagem de Ford; o movimento pela qualidade e o Toyotismo. Neste contexto, pelo que se acabou de expor, o conhecimento na área de administração sob a lente da epistemologia estruturalista pode auxiliar o entendimento da Teoria das Organizações? Objetivamos compreender os conhecimentos epistemológicos da teoria das organizações fundamentadas no estruturalismo. Sendo os objetivos específicos: i) Realizar uma pesquisa bibliográfica, visando identificar as teorias organizacionais e suas aplicações na prática; ii) Identificar na pesquisa bibliográfica características do estruturalismo que possam contribuir para o entendimento da Teoria das Organizações; iii) Relacionar através de uma visão epistemológica as contribuições do estruturalismo nas Teorias das Organizações.

2. Referencial teórico

2.1 Teorias organizacionais e suas aplicações

A mutação da teoria da administração que deu origem à teoria das organizações, conforme caracteriza Motta (2001), ocorre a partir das ideias de Elton Mayo e, posteriormente, de Simon, sintetizadas na caracterização do “homo social”, desmistificando a redução mecanicista proposta até então. Assim, o campo empírico da administração já não poderia se reduzir ao ambiente interno das organizações e tampouco poderia ignorar necessidades pessoais e do âmbito das relações humanas; tendo inicialmente considerado o homem apenas como mais uma peça da engrenagem das máquinas, ícones da Revolução Industrial. No campo teórico, a teoria das organizações é fruto da evolução da sociologia, da ciência política e da psicologia social norte-americanas, segundo o autor citado anteriormente, incorporando, em períodos mais recentes, abordagens da antropologia e da economia.

Por isso, analisar a produção de conhecimento em teoria das organizações é tarefa importante e complexa que vem sendo enfrentada por estudiosos brasileiros, sob vários aspectos, desde a orientação paradigmática dos estudos (MACHADO-DA-SILVA, CUNHA e AMBONI, 1990; CABRAL, 1998), passando por questões metodológicas (CAVEDON, 2001, CARRIERI e LUZ, 1998), incluindo análise de citações (CARVALHO JR. e VERGARA, 1996), até a avaliação da qualidade da produção científica brasileira nesse campo (BERTERO, CALDAS e WOOD JR., 1998; BERTERO e KEINERT, 1994), entre tantos outros.

Guerreiro Ramos (1989) evidência a emergente necessidade de uma reformulação epistemológica na teoria das organizações, indicando que ela tende a sobreviver apenas se vier a se transformar e se propuser como uma teoria viável, uma vez que, como afirmado por ele, o homem tem diferentes tipos de necessidades e a sua satisfação requer vários tipos de cenários sociais. O sistema de mercado só atende a alguns desses tipos de necessidades humanas, e, por isso, o autor acredita que “o comportamento administrativo é conduta humana condicionada por imperativos econômicos” (GUERREIRO RAMOS, 1989, p. 136).

Assim sendo, um dos objetivos do presente ensaio é contribuir para uma reflexão acerca das prováveis relações entre a epistemologia estruturalista e a teoria das organizações.

2.2 Visão epistêmica estruturalista nas organizações

Bruyne (1977) tratam da importância da epistemologia para o conhecimento, os autores propõem uma reflexão sobre a cientificidade das ciências sociais, sobre as condições de produção

do conhecimento e apresentam uma visão global do processo de pesquisa. Evidenciam que toda a construção científica se movimenta em 4 polos: epistemológico, teórico morfológico e técnico, polos não estanques e sim articulado. Esses polos desenvolvem a pesquisa construindo progressivamente o seu objeto. Para os autores, a epistemologia, de qualquer modo que seja definida, coloca, de certa maneira, que uma ciência é possível e ainda que deve submeter a noção de ciência a um estudo crítico. E seguem com a reflexão de que a epistemologia assim concedida, enquanto pólo essencial da pesquisa, situa-se portanto, de imediato, tanto numa lógica da descoberta quanto numa lógica da prova, o modo de produção dos conhecimentos interessa-lhe tanto quanto seus procedimentos de validação.

Japiassu (1992) diz que, é por meio da epistemologia que se busca entender e explicar a atividade científica em suas relações entre teoria e experiência, razão e fatos, métodos, resultados ou linguagem científica.

Weber (2001) defende a objetividade nas ciências sociais, percepções para construir conceitos que possam ser válidos em qualquer contexto de espaço e tempo. Não há receitas em ciência pois leva em conta as ações humanas. Para ele, as reflexões e análises não são a parte do cenário que estamos inseridos. Somos ao mesmo tempo sujeitos e objetos do estudo. Influenciados pela subjetividade e complexidade, necessitando cuidado nas percepções do ponto de vista do pesquisador.

Não existe uma análise científica totalmente ‘objetivada’ da vida cultural [...], ou dos ‘fenômenos sociais’, que seja independente de determinadas perspectivas especiais e parciais, graças às quais estas manifestações possam ser, explícita ou implicitamente, consciente ou inconscientemente, selecionadas, analisadas e organizadas na exposição, enquanto objeto de pesquisa (WEBER, 2001, p. 124).

O autor diz ainda, acontece que, tão logo tentamos tomar consciência do modo como se nos apresenta imediatamente a vida, verificamos que ela se nos manifesta ‘dentro’ e ‘fora’ de nós, sob uma quase infinita diversidade de eventos que aparecem e desaparecem sucessiva e simultaneamente.

E conclui, trazendo para nosso entendimento a importância do conhecimento em ciências sociais, através do estudo do objeto particular de apoio a Teoria das Organizações, as ações humanas:

Chegamos ao final de nossa discussão, que teve como único propósito destacar a linha quase imperceptível que separa a ciência da crença, e pôr a descoberto o sentido do esforço do conhecimento sócio-econômico. A

validade objetiva de todo saber empírico baseia-se única e exclusivamente na ordenação da realidade dada segundo categorias que são subjetivas, no sentido específico de representarem o pressuposto do nosso conhecimento e de associarem, ao pressuposto de que é valiosa, aquela verdade que só o conhecimento empírico nos pode proporcionar (WEBER, 2001, p. 152).

Neste contexto, Nohria (1997), sugere como contribuição à Teoria das Organizações, a busca pelas fontes que contribuíram para a forma como agem e pensam os gestores. O conhecimento gerencial vem de todos os lugares: das experiências de um gerente, da experiência de outros, de livros e artigos sobre uma variedade de tópicos, de vídeos, discursos de gerentes e estudiosos, de escolas de negócios, MBA, treinamentos, consultorias. O autor se aproxima da realidade das organizações afirmando que, a ação não se limita a seguir conhecimento: ela também o produz. A prática diária gera informação para si e para outros gestores e pesquisadores. Sediada sobre as consequências esperadas e inesperadas de palavras e ações, um gerente formula ideias mais ou menos explícitas em sua mente sobre o que funciona e o que não funciona.

O autor ainda questiona sobre o conhecimento e ação, teoria e prática, que seguem um após outro em um ciclo de contemplação e aplicação. Gerando o conhecimento formal, mas até que ponto o conhecimento gerado em escolas é aproveitado pelos gestores?

Para ele, o laboratório para o conhecimento gerado na academia é a própria empresa e os seus gestores, nas práticas e experiências diárias. Como aproximar a teoria e a prática? Duas visões que se necessitam e se complementam, porém nem sempre dialogam. Nohria (1997), ainda diz que os críticos da pesquisa das escolas de negócios acusam que ela coloca o rigor acadêmico acima da relevância gerencial. A sugestão do autor é que os acadêmicos devem trabalhar mais para fundir essas duas partes muitas vezes altamente diferenciadas de suas vidas profissionais: pesquisa e ensino/consultoria.

Na mesma linha de pensamento, enriquecendo o argumento da contribuição epistemológica para a Teoria das Organizações, Hatchuel (2001) baseado no relatório de Ken Starkey and Paula Madan's report, Bridging the Relevance Gap (2001) que defende o desenvolvimento de redes de colaboração entre acadêmicos e organizações. Este artigo discute duas condições essenciais baseado em experiências semelhantes: uma clarificação do objeto científico da pesquisa gerencial, e o desenho de parcerias orientadas à pesquisa. A essência e a universalidade da investigação em gestão está em compreender, criticar e inventar "modelos de ação coletiva". O autor considera o modelo de pesquisa baseado em parcerias, onde o conhecimento não transcende a ação, mas é parte integrante dela, assim "parcerias orientadas para a investigação" é uma chave crucial da nova gestão da investigação.

Na busca por essa aproximação epistemológica que venha contribuir com o administrador na atualidade, no campo das teorias administrativas e/ou organizacionais é possível observar que os diversos problemas e temas de estudo foram paulatinamente organizados em escolas e/abordagens (QUEIROZ et al, 2018), uma dessas escolas foi a chamada escola estruturalista. Segundo Cherques (2006), o estruturalismo é uma construção teórica iniciada pelo etnólogo Lévi-Strauss. A partir das suas postulações, o entendimento estruturalista ganhou corpo e se desdobrou em dois planos. Os planos fundamentam duas correntes, uma que anima a segunda metade do séc. XX e outra que irradia sua epistemologia para os mais diversos campos das ciências humanas e sociais, dentre eles a ciência da gestão (CHERQUES, 2006).

A teoria estruturalista, ao irradiar essa epistemologia, cria teias em diversas ciências. Na administração a teoria estruturalista surge como uma irmã da teoria das relações humanas, visando o bem-estar da organização, unindo-se a teoria clássica. O estruturalismo é uma síntese entre duas escolas: a escola científica e a escola das relações humanas (ETZIONI, 1978).

Para o contexto organizacional é necessário obter uma estrutura que não se perca quando a organização necessita corrigir seus processos provocando mudanças, além de focar-se no homem organizacional, aquele que possui flexibilidade para aceitar as mudanças e disponibilidade de adaptar-se. O exemplo mais utilizado da teoria estruturalista aplicado na gestão é a pirâmide organizacional. (imagem 1)



Imagem 1

2.3 Práticas de gestão na visão estruturalista

As organizações podem ser definidas por um conjunto de indivíduos com objetivo comuns unidos por um sistema de relacionamento e de autoridade e responsabilidades que, trabalhando juntas atingirão um objetivo comum. Elas são representadas formalmente pelos organogramas que demonstram a estrutura formal da organização, que se mostra muitas vezes de forma rígida.

Segundo Jean Piaget (1971, p5) o estruturalismo é:

um sistema de transformações. Na medida em que é um sistema e não uma simples coleção de elementos e de suas propriedades, essas transformações envolvem leis: a estrutura é preservada ou enriquecida pelo próprio jogo de suas leis de transformação, que nunca levam a resultados externos ao sistema nem empregam elementos que lhe sejam externos. Em suma o conceito de estrutura é composto de três ideias-chaves: a ideia de totalidade, a ideia de transformação e a ideia de auto-regulação

A cadeia de comando das organizações corrobora com as ideias de Piaget, pois elas se regulam em uma hierarquia, que é respeitada dentro da organização fluindo do executivo que, se encontra no topo do organograma até o colaborador do nível mais baixo. Fayol define a unidade de comando como sendo um dos princípios da Administração Científica.

A teoria estruturalista surgiu por volta da década de 50, como um desdobramento de autores voltados à Teoria da Burocracia que tentaram conciliar as teses propostas pela Teoria Clássica e pela Teoria das Relações Humanas. “A ideia do estruturalismo é considerar a organização em todos os seus aspectos como uma só estrutura, fornecendo uma visão integrada da mesma: analisar as influências de aspectos externos sobre a organização, o impacto de seus próprios aspectos internos, as múltiplas relações que se estabelecem entre eles”. (FERREIRA; REIS; PEREIRA, 1997, p. 52).

Segundo Silva (2008) o nome de maior projeção no estruturalismo é Amitai Etzioni (1929-), que deve sua proeminência ao fato de ter se ocupado em analisar os fundamentos das escolas correntes até então conhecidas e julgando-as insatisfatórias, formulou uma síntese do que considerava válido, ao que denominou estruturalismo.

Ao investigar as organizações sob o enfoque estruturalista faz-se necessário analisar os fatores como um todo, verificando a interdependência e a integração dos mesmos. Segundo Etzioni (1980) não existem duas instituições iguais, elas são sempre diferentes entre si e mostram enorme diversidade, mas elas expõem alguns atributos que concordam em agrupá-las em determinados grupos ou tipos, de forma que essas classificações são as tipologias das organizações.

A Teoria Estruturalista analisou tanto as relações formais e como as relações informais dentro e fora da organização. De modo geral, tal teoria buscou achar a estabilidade entre os componentes racionais e não racionais do comportamento humano que formou o ponto principal da vida, da sociedade e do pensamento moderno (ETZIONI, 1980).

O estruturalismo se fez presente na área da administração por desenvolver um estudo das organizações em sentido mais amplo e integral, levando em conta todos os fatos que influem de tal maneira interna como externamente, e submetendo-os a uma análise comparativa e global. Tal teoria implica certificar que os fenômenos organizacionais se interligam, interpenetram e interagem de modo que qualquer alteração ocorrida em uma parte da organização afeta as outras partes. O

estruturalismo foi talvez a primeira abordagem a reconhecer a importância do conceito de sistema aberto, isto é, da interação entre as instituições humanas e o ambiente onde elas se inserem (SILVA,2008).

A organização é um organismo vivo que interage com o ambiente onde está inserida e a gestão precisa estar atenta as mudanças que ocorrem tanto externamente como internamente. Entende-se por gestão as pessoas encarregadas para dar o direcionamento para instituição. Pessoas estas que vão gerir os recursos, pessoas ou qualquer objeto que possa ser administrado através de planejamento e estratégias que visam alcançarem melhores resultados para o negócio.

Para auxiliar no entendimento do Estruturalismo, segue esquema gráfico, através de mapa mental com as ideias centrais da episteme:

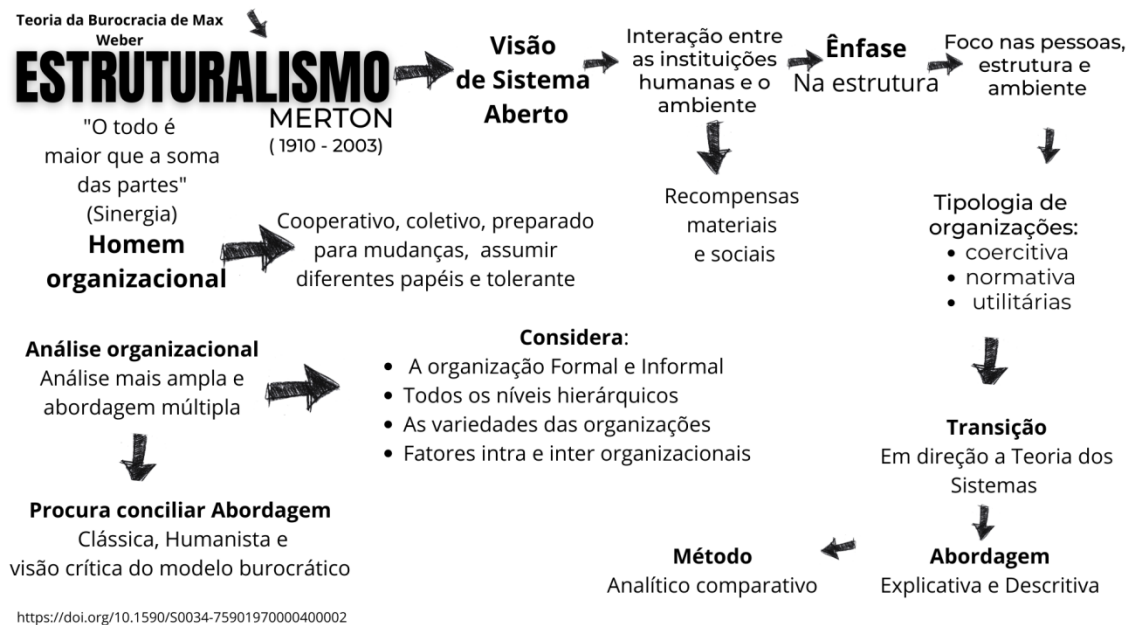


Imagem 2

Quadro comparativo com Positivismo e Funcionalismo:

	 POSITIVISMO	 FUNCIONALISMO	 ESTRUTURALISMO
Pensadores	Auguste Comte (1798-1857)	Émile Durkheim (1850 - 1917)	Robert Merton (1910 - 2003)
Influências	Vem após o racionalismo e o empirismo	Positivismo de Comte, evolucionismo	Teoria da Burocracia de Max Weber
Objeto de estudo	Física social Defende a investigação científica das leis naturais e sociais	Fato social Objeto da sociologia, tudo que permite observação. Pode ser normal ou patológico	Estrutura O papel do específico no geral
Método	Observação, experimentação, comparação, classificação	Observação, neutralidade em relação aos fatos, objetividade de análise	Análítico comparativo
Contribuição	Adoção do método científico	Divisão do trabalho social e a especialização das funções. Exterioridade, coercitividade e generalidade dos fatos sociais	Fatos humanos se organizam na forma de estruturas, isto é, sistemas formados por termos cujo sentido depende da posição e da função que ocupam no todo.
Princípios	- Guiar-se por uma lei constante da observação - Dimensão da relatividade - Previsão racional	1 - A Sociologia é um ciência independente das demais Ciências Sociais e da Filosofia. 2 - A realidade social é formada pelos fenômenos coletivos, considerados como "coisas". 3 - A causa de cada fato social deve ser procurada entre os fenômenos sociais que o antecedem. 4 - Todos os fatos sociais são exteriores aos indivíduos, formando uma realidade específica.	- Estrutura - Autonomia

Imagem 3

3. Metodologia

As teorias organizacionais são aprofundadas através do estudo, das contribuições e dos legados deixados por seus autores, tomando como base a teoria da administração, através da Escola Científica de Taylor, Clássica de Fayol, Burocrática de Weber, Relações Humanas de Elton Mayo, Comportamental de Maslow, passando pela linha de montagem de Ford; o movimento pela qualidade e o Toyotismo. Neste contexto, busca-se identificar se o estruturalismo traz uma visão epistemológica que contribui para a Teoria das Organizações. O artigo foi estruturado sob a modalidade de ensaio teórico, e se compõe de uma revisão do referencial teórico, mediante uma análise conceitual de alguns aspectos pertinentes ao tema para atender os seguintes objetivos:

O estudo possui abordagem qualitativa, que para Gil (1994) permite investigar um gama de fenômenos mais amplo do que aquele que poderia pesquisar diretamente. O caráter da pesquisa é descritivo, unindo referencial teórico a análise realizada bibliograficamente e em artigos de periódicos reconhecidos.

4. Discussão teórica

Após abordar a epistemologia estruturalista, o estudo buscou centralizar as ideias de pensadores estruturalistas para compor uma análise teórica na teoria das organizações. A partir da

linha de pensamento conceitual de Amitai Etzioni, onde as organizações são unidades sociais, podemos compor que nas organizações a estrutura é vista como um meio de obtenção de algum fim, ou seja, é necessário passar por organizações para poder chegar ao objetivo fim que um indivíduo possui. O homem organizacional, como um fomentador e utilizador das organizações, exige que as estruturas sejam definidas para delimitar sua atividade. As organizações necessitam estar estruturadas para que possam atender as demandas da sociedade que estão inseridas. Logo, parte dessas estruturas tornam-se permanentes, fazendo com que sejam alimentadas e continuadas de acordo com as exigências do seu público.

Segundo Etzioni (1972) as organizações são formadas por uma combinação de várias camadas, que diferem em seus graus de especialização. Essas camadas suprem anseios que surgem do mercado ou da sociedade. Fazendo com que as estruturas se tornem necessárias para garantir uma funcionalidade para a organização. Ainda segundo o autor muitas vezes, há uma tendência para que as camadas inferiores se organizem segundo os princípios da segunda área ou clientela ou ambos ao mesmo tempo; as superiores, segundo a finalidade ou processo, ou ambos (ETZIONI, 1972).

5. Considerações

De que forma o estruturalismo pode auxiliar no objetivo deste artigo? Percebe-se que o estruturalismo contribui dando ênfase a estrutura, visão de sistema aberto e análise organizacional de abordagem múltipla. Considera a organização formal e informal, níveis hierárquicos, fatores intra e inter organizacionais.

Traz para a análise o homem organizacional: cooperativo, preparado para mudanças.

Enfim, acredita-se que este artigo demonstrou que o conhecimento científico, sob uma lente epistemológica estrutural pode se aproximar da realidade vivenciada nas empresas e estabelecer com a ciência diálogos tão necessários que podem contribuir para redução dos fatores de riscos de mortalidade principalmente nas MPEs, além de considerar que o processo de estudo não se restringe apenas a observar, descrever e explicar, é necessário fornecer o tão necessário conhecimento, apontado como um fator de conhecimento e análise para o gestor. É preciso compreender, que as ameaças ao sucesso das empresas devem ser vistas como fenômenos que englobam o micro e o macro, que o conhecimento dos fatos, objeto, teoria e métodos sob o ponto e vista epistemológico pode dar direção e nortear as estratégias de sucesso nas empresas.

6. Referencias

BRUYNE, Paul de; HERMAN, J.; SCHOUTHEETE, M. **O pólo epistemológico**. In: _____. Dinâmica da pesquisa em ciências sociais. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1977. pp. 41-61.

DORNELAS, José Carlos Assis. **Empreendedorismo**. Elsevier Brasil, 2008.

ETIZIONI, A. (1967). **Organizações modernas** São Paulo: Livraria Pioneira Editora. Organizações complexas: um estudo das organizações em face dos problemas sociais. Atlas, 1978.

ETZIONI, Amitai. Organizações Modernas. 6. ed. São Paulo: Pioneira, 1980.

FERREIRA, Ademir Antonio; REIS, Ana Carla Fonseca; PEREIRA, Maria Isabel. Gestão empresarial: de Taylor aos nossos dias: evolução e tendências da moderna administração de empresas. São Paulo: Pioneira, 1997. 256 p.

FOUCAULT, Michel. **Arqueologia do saber**. 6 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002

GOMES, Almiralva Ferraz. **O empreendedorismo como uma alavanca para o desenvolvimento local**. *Revista Eletrônica de Administração*, 2005, v. 4, n. 2.

HATCHUEL, A. **The two pillars of new management research**. *British Journal of Management*. v. 12 Special Issue, 2001, p. 33-39.

JAPIASSU, Hilton. **Saber, ciência e epistemologia: Introdução ao pensamento epistemológico**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1992.

KUHN, Thomas S. **“A estrutura das revoluções científicas”**. 12 ed. São Paulo: Perspectiva, 2013.
NOHRIA, N.; ECCLES, R. G. **Where does management knowledge come from?** In: ALVAREZ, JL (ed.) *The Diffusion and Consumption of Business Knowledge*. London: Palgrave Macmillan, 1997, p. 278-304.

PETERS, MICAEL **Pós-estruturalismo e filosofia da diferença**/Michael Peters; tradução de Tomaz Tadeu da Silva, Beli Horizonte: Autêntica, 2000

QUEIROZ, Andre Felipe; CONDI, Paulo Ricardo; BENINI, Élcio Gustavo; FINOCCHIO, Caroline Pauletto Spanhol. **Abordagem estruturalista: uma análise de manuais de administração**. *Cadernos de Administração*, 2018, v. 26, n. 2.

SCHUMPETER, Joseph A. **Capitalismo, socialismo e democracia**. SciELO-Editora UNESP, 2017.

SILVA. Reinaldo O. da **Teorias da administração** / Reinaldo O. da Silva. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2008.

THIRY-CHERQUES, H. R. **O primeiro estruturalismo: método de pesquisa para as ciências da gestão**. *Revista de administração contemporânea*, v. 10, n. 2, p. 137-156, 2006.

WEBER, Max. A “objetividade” do conhecimento na Ciência Social e na Ciência Política. In:
WEBER, Max. **Metodologia das ciências sociais**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 1999. pp. 107-154.